

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

PORTUGAL CONT 6,00€ · BE/FR/GR 10,90€ · ES/IT 10,00€ · AU/DE/NL 12,00€ · UK £7,50€ · SUISSE 14,00CHF · MOROCCO 96MAD



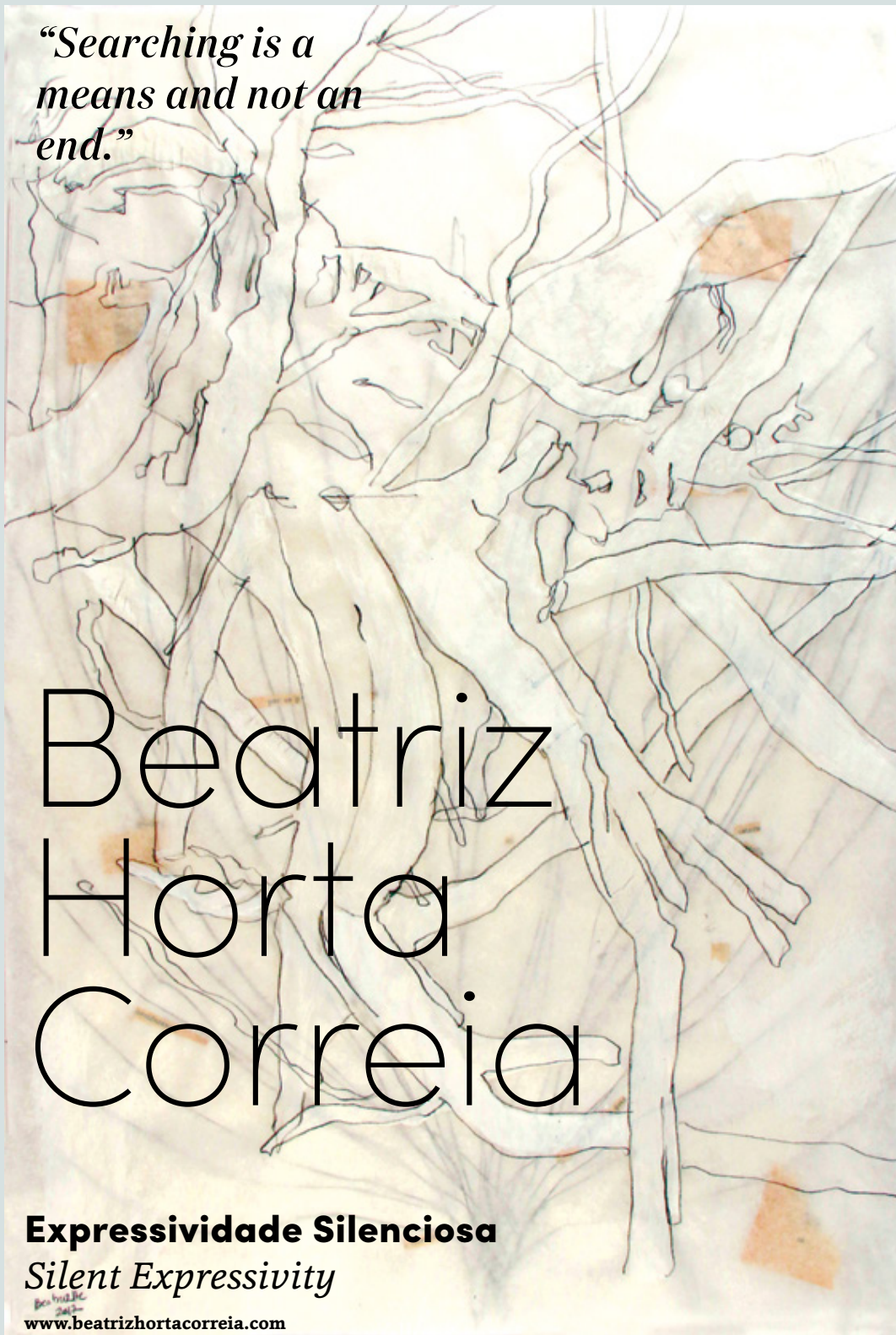
Sossego / Quietude

Paola Navone / Vincent Van Duysen / Piet Boon

83 SEP - OCT 2018

“A busca é um meio
e não um fim.”

*“Searching is a
means and not an
end.”*



Beatriz Horta Correia

Expressividade Silenciosa
Silent Expressivity

www.beatrizhortacorreia.com

"Fragmentos #2", 2017.
Colagem, grafite e acrílico sobre
papel / *Collage, graphite and acrylic
ink on paper. 50 x 74,5 cm*

Encontramo-nos com a artista plástica Beatriz Horta Correia, uma mulher tranquila, com um olhar alegre e doce. Vive e trabalha em Lisboa, dominando o desenho e a cerâmica, *media* visceralmente ligados, conceptual e visualmente. A sua obra convida-nos a descobrir um mundo em tons claros, no qual predominam o branco e o bege. As obras revelam uma elevada sensibilidade para com os materiais, os pormenores em filigrana e delicados sobressaem e encantam-nos. Um mundo zen no qual imergimos para nos perder...

Alda Galsterer: Estudou Design e Cerâmica no IADE e Desenho na Ar.Co.. Como foram estas experiências de ensino, e como é que cada uma delas marcou o seu trabalho como artista?

Beatriz Horta Correia: As experiências de ensino foram importantes no sentido em que são a base de uma aprendizagem, uma estruturação para o início de um percurso de trabalho. Nos primeiros anos, a fase de descoberta e encontro com matérias, experiências, referências e ideologias é muito motivadora para começar a estruturar e a crescer. Depois, acho que senti que aquilo que era oferecido me sabia a pouco; então aí começei um percurso mais pessoal de ir à procura e de pesquisar onde podia aprender mais. O fazer e ver fazer são também uma grande escola...

Desenho e cerâmica, são os seus *media* principais. O que associa com estas materialidades, tão diferentes uma da outra?

Para mim, existe uma grande ligação entre estes dois *media*, ou melhor, no meu trabalho existe esta relação: apesar de um ser bidimensional e o outro tridimensional, a linguagem que utilizo é transversal a ambos. São muitas as relações, formal, cromática, de conteúdo e até na própria matéria. Em algumas peças que produzi, utilizei papel embebido em pasta líquida de porcelana para criar novas formas, e noutras, objectos de papel existentes como, por exemplo, na obra "Com que matéria se fazem poemas?"; que foi feita a partir de livros de poesia mergulhados em porcelana.



Beatriz Horta Correia

We met up with the artist Beatriz Horta Correia, a serene woman with a cheerful and sweet demeanour. She lives and works in Lisbon, mastering drawing and ceramics, which are intimately connected media, both conceptually and visually. Her oeuvre invites us to discover a world of light tones, where white and beige dominate. Her work reveals a heightened sensitivity to materials; the delicate details in filigree grab our attention and delight us. A zen world which we willingly allow ourselves to become lost in...

Alda Galsterer: You studied Design and Ceramics at IADE and Drawing at Ar.Co. What were these learning experiences like and how did each of them shape your work as an artist?

Beatriz Horta Correia: These educational experiences were important in the sense that they are the foundation for learning, a structuring for the beginning of a path in this work. In the first years, the phase of discovering and exploring materials, experiences, references and ideologies is highly motivating in order to start structuring and growing. Afterwards I felt that what was being offered to me wasn't enough and that is when I began my more personal path, to seek out and research where I could learn more. Doing and seeing people doing things are also an important education...

Drawing and ceramics are the main media you use. What do you associate with these material approaches that are so different from each other?

For me, there is a deep connection between these two media or, rather, in my work there is a relationship between them. Despite one of them being two-dimensional and the other three-dimensional, the language that I use is transversal to both. There are many connections, be they formal, chromatic, in terms of content, or even through the materials themselves. In some of the pieces that I created, I used paper soaked in liquid porcelain paste to create new shapes and in others, existing paper objects, such as, for example in the work "Com que matéria se fazem poemas?", which was made from poetry books soaked in porcelain.



Sem título / Untitled, 2016,
Porcelana vidrada / Glazed porcelain. 44 x 34 cm



"Fragmentos", 2017. Porcelana vidrada / Glazed porcelain, 13 x 44 cm



"Inner place", 2016. Porcelana vidrada / Glazed porcelain, diâmetro / diameter 36 cm; altura / height 20 cm

Os seus desenhos remetem-nos muitas vezes para a ideia de paisagem, pela sua orientação horizontal, não obstante mantendo sempre um registo mais abstracto com um traço leve e em movimento. E quando vemos as suas obras em cerâmica, elas próprias nos parecem paisagens em miniatura. É essa a intenção?

A paisagem e a natureza são referências e pontos de partida em muitos trabalhos. Interessa-me trabalhar modos de representação e de percepção, fundindo diferentes tipos de vocabulário. Muitas representações não pretendem ter uma relação directa com a realidade visual, mas, sim, com memórias ou um experienciar das mesmas. A dimensão na cerâmica tem um limite, dado, muitas vezes pelo próprio *media*. Não considero que sejam miniaturas, o objectivo não é trabalhar a escala; considero, sim, que são objectos e esculturas construídos a partir de uma ideia de paisagem, que muitas vezes funcionam por conjuntos ou com uma dimensão adaptada a cada peça.

A ideia da paisagem remete-nos sempre para uma ideia de narrativa, de eixo temporal que atravessa a vida, e, por consequência, também um ponto importante para a arte. Isto é, de facto, uma reflexão central para a sua criatividade?

Sim. A ideia de paisagem atravessa tudo. Aqui posso questionar vários conceitos como o efémero, o vazio, o silêncio ou a memória, e o tempo é uma premissa que se encontra em todas estas questões.

As paisagens são construções, se nos afastarmos do real podemos encontrar imensas referências em objectos a que poderíamos muito bem chamar de paisagem. Há ainda a paisagem como cenário de acções, construções de espaço e narrativa...

Por último, concorda, com a afirmação de Francisco Clode Sousa que diz que o seu trabalho reflecte um "olhar de quem procura, de quem decidiu que a busca é um meio e não um fim"?

Concordo. A procura é, para mim, por si só, um factor motivador de trabalho. É durante o processo de trabalho, tanto no desenho como na cerâmica, que vou percorrendo caminhos e encontrando soluções.

Há um ponto de partida, uma ideia, mas a construção é sempre uma descoberta, uma revelação, um diálogo entre o que se constrói e a sua construção.

Gosto também de desafiar a matéria e testar os seus limites, principalmente na cerâmica onde a interacção do barro com a água, o tempo e o fogo, torna todo o processo num constante diálogo entre o possível, o efémero e a permanência. ▲

Your drawings often remind us of the idea of landscapes, because of their horizontal orientation, while always maintaining a more abstract register with light and dynamic lines. And when we see your work in ceramic, they also seem like miniature landscapes. Is this intentional?

Landscapes and nature are references and starting points in much of my work. I am interested in exploring modes of representation and perception, blending different types of vocabulary. Many representations don't try to establish a direct relationship with a visual reality but, rather, with memories or an experience of these memories. The dimensions of ceramics are subject to a limit that is often imposed by the medium itself. I don't consider them to be miniatures; my objective isn't to work with their scale. Instead, I see them as objects and sculptures built from an idea of the landscape and which often work in groupings or with a dimension adapted to each piece.

The idea of landscape always makes us think of a narrative idea, of a time axis which runs through our lives and, therefore, also an important point for art. Is this, really, a central reflection in your creativity?

Yes. The idea of landscape permeates everything. Here I can question a variety of concepts such as the ephemeral, emptiness, silence or memory, and time is a premise which is found in all of these questions. Landscapes are constructions and if we distance ourselves from reality, we can find endless references in objects which we could also refer to as landscapes. Then there is also landscape as the setting for actions, constructions of space and narrative...

Lastly, do you agree with Francisco Clode Sousa when he states that your work reflects "the perspective of somebody who is searching, of somebody who has decided that searching is a means and not an end"?

Yes, I agree. For me, the quest is, just in itself, a motivating factor in my work. It's during the work process, be it with drawing or ceramics, that I follow paths and find solutions. There is a starting point, an idea, but the construction itself is always a discovery, a revelation, a dialogue between what is being built and its construction. I also like challenging the material, particularly in ceramics, where the interaction of clay with water, with time and with fire, makes the process a constant dialogue with the possible, the ephemeral and permanence. ▲